

Como promover pesquisa em EAD? Experiências do curso de licenciatura em história da UniRio

*How to promote academic research in
distance learning? The UniRio undergraduate
history course experiences*

Mariana Muaze*
Marcelo Magalhães**

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a estrutura da licenciatura semi-presencial em história da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e os projetos em desenvolvimento no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, apresentados por professores ligados ao curso e ao Programa de Pós-Graduação em História. Como docentes que atuaram diretamente na coordenação do referido curso entre 2009 e 2013, nossa intenção é compartilhar experiências, de modo a contribuir, minimamente, para a superação de desafios comuns à implantação da pesquisa no ensino semipresencial no âmbito da universidade pública no Brasil.
Palavras-chave: formação de professores; ensino de história; ensino a distância.

ABSTRACT

This article presents the structure of the undergraduate history course, offered as distance learning program, by Federal University of the State of Rio de Janeiro (UniRio). It also aims to explain different research projects that involve distance learning students. As teachers who worked directly in the coordination of this course between 2009 and 2013, our intention is to share experiences and contribute minimally to overcome the main challenges on the deployment of distance learning within the public university in Brazil.
Keywords: teacher training; teaching history; distance learning.

*Departamento de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).
mamuaze@gmail.com

**Departamento de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).
marcelosmagalhaes@gmail.com

CRIAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO CURSO ¹

O curso de licenciatura em história da UniRio foi criado em 14 de maio de 2008, buscando atender às políticas de inclusão e expansão das universidades públicas propostas pelo Ministério da Educação (MEC).² Em fevereiro de 2009, o curso começou a funcionar com recursos do segundo edital da Universidade Aberta do Brasil (UAB), de 18 de outubro de 2006, e da Fundação Centro de Ciências e de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Fundação Cecierj).³

A graduação semipresencial em história foi pensada contendo uma grade curricular próxima à do curso de licenciatura presencial e tendo por objetivo principal formar professores capacitados para atuarem no ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas das regiões circunvizinhas aos polos estruturados. O esforço direciona-se para a formação de um professor de história que busque a integração entre ensino e pesquisa em sua prática docente e seja capaz de dialogar com os campos da educação patrimonial e das políticas de preservação e gestão do patrimônio histórico e cultural local. Tal preocupação estava diretamente relacionada tanto com a escolha dos polos para o funcionamento do curso, quanto com a proposta de iniciação científica que se queria fomentar.

Duque de Caxias, Piraí, Resende, Cantagalo e Miguel Pereira foram os municípios escolhidos para o funcionamento do curso, por possuírem importantes acervos históricos e culturais, tais como arquivos, museus e centros de memória, muitos dos quais ainda pouco explorados ou em estado de conservação bastante precário. Nossa intenção é a de que alunos e egressos do curso possam se valer das potencialidades históricas da chamada região da Bacia do Vale do Paraíba Fluminense, onde os cinco polos estão localizados, para, no exercício do magistério e da prática profissional, refletirem e atuarem na preservação da “memória do lugar” e na recuperação da “história local”, promovendo uma maior interação⁴ entre a escola básica e os acervos históricos e culturais.⁴

Em termos de acesso, o curso seguiu as regulamentações do Cederj. Todos os cursos de graduação semipresencial oferecidos selecionam seus novos alunos por meio do concurso de seleção pública do Cederj, realizado em duas edições anuais. A distribuição da oferta de vagas é informada por cada curso

periodicamente de acordo com as regras vigentes na universidade de origem. No caso do curso de história, as vagas obedecem ao seguinte quantitativo: 20% para professores das redes públicas de ensino federal, estadual e municipal; 22% para candidatos que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem);⁵ 20% para professores inscritos no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), e o percentual restante aberto para ampla concorrência. Entre 2009 e 2010 foram oferecidas quarenta vagas por semestre para cada um dos cinco polos, totalizando quatrocentas vagas ao ano. Desde 2011, esse número sofreu alteração para 250 vagas semestrais, passando a haver cinquenta novos alunos em cada polo.

No que compete à infraestrutura administrativa, o curso semipresencial de licenciatura em história também segue as prerrogativas do consórcio Cederj. Há um coordenador de curso, um vice-coordenador de curso e um coordenador de tutoria, que trabalham em consonância com a equipe de secretaria, a qual, lotada na UniRio, mantém todos os documentos relativos ao curso e à vida acadêmica de alunos e professores. As secretarias dos polos auxiliam os cursos nas matrículas dos alunos nas disciplinas oferecidas a cada semestre, na distribuição e realização das provas, no encaminhamento de documentos para a secretaria geral do curso na UniRio e na distribuição dos espaços e horários para tutorias presenciais e atividades acadêmicas nos polos. Cada polo contém uma direção e uma equipe de secretaria próprias, que auxiliam todos os cursos das diferentes universidades participantes do consórcio ali lotados.

É função do coordenador de curso acompanhar e avaliar as atividades acadêmicas tendo em vista o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Para tanto, esse profissional participa das atividades propostas no âmbito do consórcio Cederj e da UniRio; realiza o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos profissionais envolvidos no curso (tutores presenciais, tutores a distância, coordenadores de curso, conteudistas); elabora, em conjunto com o corpo docente do curso, o sistema de avaliação do aluno; participa dos fóruns virtuais e presenciais da área de atuação, tais como o Ambiente de Trabalho da UAB (Atuab) e o Colegiado de Coordenadores de Curso do consórcio Cederj; acompanha os processos seletivos do vestibular Cederj e o registro acadêmico dos alunos ingressantes via secretaria geral e verifica *in loco* o bom andamento do curso, através de visitas periódicas aos cinco polos. No que compete à equipe

de profissionais, o coordenador do curso acompanha e supervisiona as atividades dos tutores (presenciais e a distância), dos coordenadores de disciplina, do coordenador de tutoria, e dos tutores-coordenadores que atuam nos polos.

Para cada disciplina até o quarto período do curso, existe uma equipe formada por um coordenador de disciplina, um tutor a distância (podendo variar para dois em disciplinas com mais de 180 alunos) e cinco tutores presenciais (um por polo).⁶ Nos semestres posteriores, as equipes são compostas somente pelo coordenador de disciplina e pelo tutor a distância, não sendo mais oferecida tutoria presencial nos polos. Ambas as formas de tutoria trabalham em equipe e em consonância com os coordenadores das disciplinas, que realizam reuniões periódicas para o planejamento das atividades acadêmicas na plataforma e nos polos.

Ao se matricularem, semestralmente, via plataforma, nas disciplinas escolhidas, os alunos recebem material impresso referente a elas e são convidados a participarem das tutorias presenciais semanais nos polos onde estão lotados, a acompanharem as aulas e a interagirem com tutores e coordenadores da disciplina por meio de fóruns, debates e exercícios existentes na plataforma Moodle.⁷ Em termos de avaliação, os cursos consorciados devem seguir o calendário único estipulado pelo Cederj, onde estão fixadas as avaliações presenciais obrigatórias (APs), realizadas duas vezes por semestre para cada disciplina, e as atividades a distância entregues via plataforma (resenhas bibliográficas, fichamentos, fóruns, trabalhos de campo e demais atividades estipuladas pelos coordenadores de disciplina). Caso o aluno não atinja a média 6,0 necessária para aprovação, ele deverá realizar a avaliação presencial 3 (AP3) da disciplina e alcançar 5,0 como grau mínimo para êxito.

O corpo docente do curso de licenciatura semipresencial em história da UniRio é formado, em sua maioria, pelos mesmos professores que atuam na graduação e na pós-graduação presenciais. Quando há impossibilidade de que isso ocorra, outros professores de instituições públicas de ensino podem participar. Entre os coordenadores que ministram as disciplinas do curso de história, mais de 95% são doutores, em regime de 40 horas e dedicação exclusiva nas universidades públicas em que atuam, o que configura uma excelente qualidade acadêmica pelos padrões do MEC. Em 2011, ano em que o formulário para reconhecimento do curso foi preenchido, sabe-se que, das 25 disciplinas

em funcionamento, somente sete possuíam coordenadores externos à instituição de origem.⁸

INICIATIVAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNI RIO

A importância da pesquisa para alunos dos cursos de graduação é bastante conhecida. A experiência demonstra que aqueles que vivenciam a investigação científica, bem como as atividades de extensão e monitoria, são capazes de desenvolver um conhecimento acadêmico aprofundado e buscar, mais facilmente, uma inserção profissional qualificada depois de formados. Mas, se a política de distribuição de bolsas de iniciação científica, extensão e monitoria para alunos presenciais pode ser considerada satisfatória nos dias de hoje, o mesmo não pode ser dito da educação semipresencial. Pensados como alunos trabalhadores, esses discentes permanecem invisíveis à maioria das políticas de distribuição de bolsas tanto nas universidades públicas que aderiram à modalidade, quanto nas agências de fomento.

Tomando por base a experiência carioca no âmbito do Cederj, sabemos que, no ano de 2014, temos 26 mil alunos matriculados nos 12 cursos superiores oferecidos pelas sete universidades públicas do consórcio.⁹ Desses alunos, menos de 1% está incluído em projetos de pesquisa, extensão ou monitoria como bolsistas. Várias são as justificativas destacadas por professores e gestores para essa realidade: a complexidade de orientar alunos semipresenciais na prática da pesquisa; a dificuldade em selecionar bolsistas semipresenciais, já que muitos alunos são trabalhadores, o que é um impeditivo à concessão de bolsas; a impossibilidade de fazer o controle das horas de trabalho e o acompanhamento da qualidade da produção a distância. Sem dúvida nenhuma, as questões suscitadas são importantes e colocam desafios de ordem prática na implementação de programas de pesquisa, ensino e extensão à nova modalidade de ensino. Todavia, não enfrentá-los é aceitar que existem categorias diferenciadas de educação pública superior no Brasil. É não oferecer a esses alunos os mesmos direitos adquiridos por seus colegas de universidade. Enfim, é prescindir de uma formação de qualidade no âmbito da modalidade semipresencial.

Com a intenção de fomentar a pesquisa científica entre os alunos do ensino semipresencial, desde 2010, a coordenação da licenciatura em história a

distância da UniRio buscou uma vinculação dos discentes às linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e da Escola de História, através de duas frentes principais: 1) incentivo à inserção dos alunos semipresenciais nas pesquisas individuais dos professores da UniRio em igualdade de condições com alunos presenciais; 2) a criação de projetos de pesquisa e extensão, sob a coordenação de professores do corpo docente, a serem realizados nas municipalidades onde os polos se encontram e em parceria com prefeituras e instituições locais. A seguir, vamos explicitar melhor como cada uma dessas frentes se estruturou e quais os resultados alcançados até o momento.

No primeiro caso, discussões no âmbito do colegiado da Escola de História levaram à decisão de que, quando os projetos de pesquisa dos professores permitissem, seria feita uma divulgação, na plataforma Moodle, para que os alunos do curso de história semipresencial interessados pudessem participar das seleções e concorrer a uma vaga como bolsista de iniciação científica ou extensão, como ocorre com os alunos da graduação presencial. A ressalva de “quando os projetos de pesquisa dos professores permitissem” foi colocada pelo fato de que, dependendo do tema e do tipo de abordagem trabalhada, os arquivos a serem consultados estavam na cidade do Rio de Janeiro, o que tornaria o deslocamento um impeditivo importante para a maioria dos alunos que moram em municípios distantes da capital, tanto pelo custo das passagens, quanto pelo tempo de trajeto.

Para dimensionar essas experiências nos baseamos no documento de Reconhecimento do Curso de Licenciatura em História, enviado ao MEC em 11 de novembro de 2011. Na ocasião, das 25 disciplinas em funcionamento, 18 coordenadores pertenciam ao corpo docente da UniRio e três deles integraram, aos seus projetos de pesquisa, alunos bolsistas da educação semipresencial.¹⁰ Nos três casos, os professores consideraram a experiência bem-sucedida e destacaram que o material a ser trabalhado pelo aluno estava digitalizado, disponível em bibliotecas *online* ou localizado em arquivos nas proximidades dos polos e/ou lugares de moradia. Uma das professoras participantes enfatizou a importância do auxílio transporte, concedido pela prefeitura de Areal (RJ) a moradores do município que realizassem atividades acadêmicas ligadas ao ensino superior em outras cidades. Segundo ela, os altos valores cobrados pelas passagens intermunicipais superavam ao largo aqueles pagos aos bolsistas de iniciação científica. A fala aponta uma dificuldade relevante a ser considerada

no planejamento de políticas públicas (no âmbito da universidade e das agências de fomento) voltadas para a implantação de bolsas de ensino, pesquisa e extensão no âmbito da educação semipresencial.¹¹

A segunda frente voltada para a inclusão de alunos de história da modalidade semipresencial em atividades de pesquisa foi pensada como ação coletiva, incluindo professores, alunos e tutores. A proximidade espacial com os locais de moradia dos alunos, bem como o estabelecimento de parcerias com as prefeituras e as instituições de arquivo e patrimônio regionais, foram consideradas essenciais para o bom andamento dos esforços propostos. Entre 2010 e 2014, foram implementados três projetos envolvendo um total de 13 alunos bolsistas com fomentos da Coordenação de Educação a Distância (Cead) da UniRio (edital Território & Trabalho) e da Pró-Reitoria de Extensão (edital Pró-Ex). A elaboração desses projetos envolveu dez professores da UniRio, todos coordenadores de disciplinas semipresenciais, e cinco tutores (presenciais e a distância). Com o objetivo de fomentar a estruturação material nos polos e instituições parceiras para a implementação dos trabalhos, dois coordenadores de disciplina concorreram aos editais “Apoio a Núcleos Emergentes de Pesquisa” (Pronem, 2011) e “Auxílio a Instituições” (APQ-4, 2012) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj).

A seguir, apresentamos mais detalhadamente cada um dos três projetos e as suas especificidades em termos de implementação e trabalho.

Centro de Memória, Pesquisa e Documentação de Cantagalo (CMPD-Cantagalo)

A ideia de criar um centro destinado a organizar, conservar e manter acervos documentais (físicos e virtuais) e bibliográficos relativos à história local surgiu da demanda de alunos e tutores presenciais do polo Cantagalo no ano de 2010. Desde então, uma equipe de professores se mobilizou com o intuito de desenvolver projetos com vistas a atuar para a preservação de acervos relativos à história da serra fluminense. Com o significado especial de servir como laboratório de prática de pesquisa em história para os alunos e a comunidade externa, a iniciativa passou a contar com o apoio da prefeitura municipal, principalmente das secretarias de Educação e Cultura. Como forma de treinar mão de obra para o manuseio especializado de documentação histórica, dois tutores participaram do curso de preservação e restauração de documentos da Fundação Biblioteca Nacional. Com o mesmo intuito, também foi organizado um *workshop* com especialistas do

Centro de Memória de Macaé. Em 2012, o professor Anderson Oliveira recebeu recursos do edital APQ-4 Faperj, com o projeto “Centro de Memória, Pesquisa e Documentação de Cantagalo (CMPD-Cantagalo) e a preservação da memória local através das fontes eclesiais (séculos XVIII e XIX)”, possibilitando a compra de equipamentos e materiais de consumo para a realização dos trabalhos de higienização, catalogação e digitalização de documentos, a serem realizados pelos alunos do curso. Os acervos locais escolhidos foram a Paróquia do Santíssimo Sacramento e a Paróquia de Santa Rita de Cássia, que, sob a guarda da Matriz do Santíssimo Sacramento, reúnem documentos oriundos dos séculos XVIII e XIX, além do arquivo da Igreja Luterana de Nova Friburgo. A escolha desse material se deveu a sua raridade e ao avançado estado de deterioração dos documentos, além de sua relevância para as temáticas estudadas pelos professores envolvidos.

O Vale do Paraíba no século XIX e nas primeiras décadas da República

Esse projeto foi elaborado pelo professor Ricardo Salles, em conjunto com participantes do Núcleo de Documentação, História e Memória (Numem) da UniRio, da Fundação Casa Rui Barbosa e da Universidade Federal Fluminense (UFF), com o objetivo de concorrer ao edital Pronem-Faperj. Utilizando as redes de pesquisa já constituídas pelo grupo de pesquisa interinstitucional “O Vale do Paraíba e a Segunda Escravidão”, buscou-se constituir uma infraestrutura de conhecimento histórico, cultural e patrimonial na região do Médio Vale do Paraíba, tendo como *locus* de trabalho o Arquivo Histórico de Pirai. Como primeiros procedimentos de trabalho, estipularam-se as tarefas de higienização e digitalização dos inventários *post-mortem*, seguidas da inserção das informações coletadas em um banco de dados contendo descritores utilizados em pesquisas anteriores para Vassouras e Bananal, que dão visibilidade às condições de vida material e à escravaria nas fazendas da região. Dessa forma, seria possível analisar uma massa de documentação de forma comparativa (Pirai, Vassouras e Bananal), nos termos quantitativos e qualitativos da informação.

Memória e Patrimônio: conhecendo as coleções Ticunas do Museu Nacional

Coordenado pela professora Márcia Chuva, esse projeto concorreu ao edital Pró-Ex da UniRio, com o intuito de receber duas bolsas de extensão para alunos do curso de história semipresencial do polo Caxias, que haviam demonstrado

interesse em se envolverem com projetos de pesquisa sobre a temática patrimonial. Unindo os temas de reflexão da professora e de tutores do curso, foi proposta uma releitura das coleções Ticunas do Museu Nacional, situado no Rio de Janeiro, por meio de uma reflexão sobre o colonialismo. Sob esse enfoque, destacava-se a constituição das coleções selecionadas dentro do próprio Museu e a importância da participação dos índios nas decisões sobre o tratamento e a exposição dessas peças na atualidade. Como condição, foi feita uma parceria com o Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional (SEE/MN), e propostas as seguintes tarefas para os bolsistas: recepção de públicos escolares como mediadores culturais junto às coleções etnográficas do Museu Nacional, acompanhamento das visitas dos grupos Ticunas às coleções Ticunas do Museu Nacional e apoio na preparação da exposição “Índios, os primeiros brasileiros”, apresentada na Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em Córdoba, Argentina, em julho de 2013.

Os projetos empreendidos até o momento são bastante diferentes entre si, pois possuem enfoques temáticos, localização, composição profissional, instituições parceiras e organização de trabalho distintos. O mesmo ocorre no que concerne às iniciativas de implementação da pesquisa. No primeiro e terceiro casos, foram as demandas de alunos e tutores que incentivaram professores a procurarem editais que pudessem suprir tais pedidos e, ao mesmo tempo, se adequassem a seus temas de estudo. No segundo caso, a demanda partiu dos professores, que, através de redes acadêmicas e de pesquisa, formalizaram uma parceria com o Arquivo Histórico de Pirai e buscaram alunos do curso semi-presencial, primeiramente, como voluntários e, posteriormente, como bolsistas. É importante atentar também para o fato de que, diferentemente dos projetos 1 e 3, que reuniram, cada um, alunos de um mesmo polo, a experiência no Arquivo Histórico de Pirai reúne alunos dos polos de Miguel Pereira, Pirai, Resende e Duque de Caxias. Além disso, enquanto nos projetos 1 e 3 a orientação local das pesquisas é feita por tutores presenciais e a distância, no caso do projeto 2 essa atividade recai sobre o diretor do Arquivo de Pirai, sr. José Maria, que capacita e direciona os trabalhos de alunos voluntários e bolsistas.

As experiências aqui relatadas, por mais que apresentem diferenças entre si, permitem lançar alguns pontos para reflexão. Em primeiro lugar, elas apontam para a consolidação de parcerias, entre a universidade, prefeituras e

instituições locais, como elemento chave para a implementação de trabalhos profícuos no âmbito da pesquisa em cursos de graduação semipresencial. Em Cantagalo, a aproximação com a prefeitura proporcionou, entre outras coisas, um maior espaço físico para o CMPD que funciona no polo. Nos projetos de Pirai e Duque de Caxias, o Arquivo Histórico de Pirai e o Museu Nacional não só concederam espaço físico para a execução das atividades, mas envolveram pesquisadores e funcionários qualificados que capacitaram e orientaram os alunos presencialmente em seus locais de trabalho. Portanto, é inegável que essas instituições, por intermédio de seus profissionais, têm uma atuação fundamental na execução dos projetos desenvolvidos e nos “modos de fazer pesquisa” aprendidos por nossos alunos. Quando bem orquestradas com a coordenação do projeto e sua equipe, essas colaborações institucionais são capazes de prover equipamentos especializados através de editais de fomento; capacitar alunos para a pesquisa; melhorar a preservação e o acondicionamento de acervos documentais; aproximar a universidade das comunidades onde os polos estão localizados, e fornecer maior conhecimento sobre a “história do lugar” e a “história da região”, entre outros ganhos.

O segundo ponto que cabe ressaltar é o papel da coordenação do curso para a implementação desses projetos de pesquisa e parcerias. Apesar de, nos exemplos aqui citados, a coordenação do curso de história ter atuado como mediadora entre tutores, alunos e professores, no sentido de encaminhar as demandas por atividades de pesquisa nos polos e incentivar a criação de projetos, essa é uma atribuição que deveria ter uma coordenação própria. Essa proposição se justifica não só pela centralidade da pesquisa no ensino universitário, mas também por envolver múltiplas funções, tais como: elaboração de projetos acadêmicos; participação, implementação e prestação de contas de editais públicos; parcerias com prefeituras e instituições de ensino, pesquisa, arquivo e patrimônio locais, e acompanhamento de um grande número de alunos, voluntários, tutores, professores e pesquisadores de instituições parceiras. A sobreposição dessas tarefas às outras atividades desenvolvidas pela coordenação de curso é, sem dúvida nenhuma, um limitador da expansão de projetos de pesquisa para além dos que já estão sendo executados.

Em terceiro lugar, é importante mencionar a criação de um edital piloto, voltado para a concessão de bolsas de pesquisa para alunos de cursos semipresenciais, elaborado pela Cead da UniRio. Lançado em dezembro de 2012, o

edital “Território & Trabalho: ensino, pesquisa e extensão” contemplou alunos matriculados nas graduações de história, matemática, pedagogia e turismo.¹² No caso do curso de história, foram recebidas 11 cotas através do projeto “O Vale do Paraíba em fontes primárias: pesquisa, ensino e extensão” que foram distribuídas da seguinte forma: sete para o CMPD-Cantagalo (2013, 2014) e quatro para o Arquivo Histórico de Pirai (2014). Essas bolsas de pesquisa foram fundamentais para a aceleração das atividades propostas nos projetos já descritos, que, até o momento mencionado, estavam sendo executados somente por alunos voluntários.

Para concluir, gostaríamos de atentar para um quarto e último aspecto. A implementação de bolsas de pesquisa para alunos do ensino semipresencial traz ganhos acadêmicos claros (já explicitados neste artigo), mas também cria urgências no âmbito da gestão universitária e das agências de fomento. Como prover recursos para um contínuo aumento da pesquisa na modalidade semi-presencial? É possível haver remuneração específica para os tutores que se envolvem em projetos e orientam pesquisas nos polos em que atuam? Ao incluir uma nova modalidade de ensino, as Jornadas de Iniciação Científica, a Semana de Integração Acadêmica (SIA), bem como outros eventos importantes, podem manter as mesmas regras de participação? Como cobrar presença obrigatória em vários dias, se a universidade não viabiliza a permanência na cidade do Rio de Janeiro dos alunos de polos distantes? A presença total obrigatória pode continuar sendo condição para a manutenção da bolsa de pesquisa? Questões como essas demonstram que muito ainda há para ser pensado, planejado e executado para que possamos dar igualdade de condições para alunos presenciais e semipresenciais.

As iniciativas apresentadas neste artigo demonstram que é possível fazer pesquisa de qualidade no ensino semipresencial e respondem a dúvidas e desconhecças que persistem sobre a educação a distância (EAD) no meio acadêmico e fora dele. Contudo, a própria defesa da necessidade de se realizar pesquisa em curso semipresencial é em si um contrassenso, já que a pesquisa científica de ponta é uma das funções primeiras da universidade. Para que a universidade continue cumprindo bem seus objetivos, não deveríamos contar somente com a “inventividade” de professores, tutores e alunos. Políticas de incentivo à pesquisa são urgentes se quisermos que a boa qualidade do ensino semipresencial oferecido não se reduza ao discurso.

NOTAS

¹ Os autores atuaram na licenciatura em história semipresencial da UniRio, como coordenadora de curso e vice-coordenador de curso/coordenador de material didático, respectivamente, entre 2009 e 2013.

² A criação do curso semipresencial se deu no âmbito da 20ª Reunião do Colegiado da Escola de História e foi reconhecida pela resolução interna da UniRio nº 2.981, de 18 de dezembro de 2008.

³ A Fundação Cecierj foi criada no âmbito estadual pela Lei Complementar nº 103, de 18 de março de 2002. De acordo com o Art. 2º dessa lei, a instituição tem por objetivo oferecer: “I. educação superior, gratuita e de qualidade, na modalidade a distância para o conjunto da sociedade fluminense; II. divulgação científica para o conjunto da sociedade fluminense; III. formação continuada de professores de ensino fundamental, médio e superior”. Para a realização do primeiro desses objetivos, foi criado o Consórcio Cederj, que oferece infraestrutura às instituições de ensino superior (IES) consorciadas e opera atualmente com 14 cursos de graduação, distribuídos por 33 polos, em todo o estado. As IES consorciadas são: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e UniRio. Para saber sobre o funcionamento da Fundação Cecierj e do consórcio Cederj, consultar: <http://cederj.edu.br/fundacao/>.

⁴ A estrutura curricular do curso prevê a consecução de um total de 3.410 horas para sua integralização, a serem cumpridas em, no mínimo, 8 semestres e, no máximo, 12. Esse total está dividido em: 2.400 horas de disciplinas/atividades obrigatórias, 240 horas em disciplinas/atividades optativas, 200 horas em atividades complementares, 420 horas em estágios supervisionados e 150 horas de trabalho de final de curso. Além disso, as disciplinas são pensadas a partir de cinco linhas principais: História e Ciências Sociais, História e Sociedade, Teoria e Metodologia, Região e Patrimônio, e Educação. Consultar: *Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura semipresencial em História*. Escola de História, CCH, UniRio, 2009.

⁵ A partir do segundo semestre de 2010, a nota obtida no Enem foi incluída entre as formas de acesso aos cursos das universidades consorciadas ao Cederj – Fundação Cecierj. Para concorrer à vaga, o candidato deve informar seu número de inscrição no Enem mediante formulário de inscrição no vestibular Cederj. Aqueles que obtiverem nota suficiente são dispensados da realização do exame Cederj e estão aptos a realizar a matrícula na universidade.

⁶ As seleções para coordenador de disciplina, tutores presenciais e tutores a distância ocorrem por meio de seleção pública, sendo os dois primeiros pelo edital da Coordenação de Educação a Distância (Cead) da UniRio e o último, por edital lançado pelo consórcio Cederj.

⁷ No atendimento ao discente, o curso atua em várias frentes: 1) Em termos dos procedimentos do curso, o aluno conta com uma secretaria para atendimento, que funciona dia-

riamente de 9h00 às 18h00 no prédio da Coordenação de Educação a Distância (Cead) na UniRio. Além disso, existem as secretarias dos polos, que atuam em consonância com o Cederj e com a UniRio para o atendimento e o esclarecimento dos alunos. 2) Em termos acadêmicos, o aluno conta com várias formas de atendimento ao discente através da plataforma Cederj (mínimo de 10 horas de tutoria a distância semanal por disciplina), que contém diferentes ferramentas didáticas, tais como webtutoria, *e-mail*, aulas e materiais extras, sala de conferência, sala de tutoria etc. Entre essas horas, 6 são dedicadas ao atendimento 0800, no qual o tutor oferece auxílio na sala de tutoria. Além disso, o aluno conta com toda a estrutura das tutorias presenciais realizadas por disciplina nos polos (vinte disciplinas de história, de duas horas cada por semana) e com o plantão semanal de 15 horas do tutor coordenador oferecido no polo onde o aluno está lotado.

⁸ Um relatório pormenorizado do funcionamento do curso de licenciatura em história semipresencial da UniRio pode ser encontrado no Formulário de Reconhecimento do Curso, enviado ao Ministério da Educação em novembro de 2011.

⁹ Disponível em: <http://cederj.edu.br/fundacao/>.

¹⁰ Os professores que, na ocasião, envolveram alunos semipresenciais em seus projetos de pesquisa foram Anderson José de Oliveira, Leila Bianchi e Mariana Muaze.

¹¹ Os participantes responderam questões comuns, enviadas como questionário pelos autores, para a elaboração deste artigo.

¹² Consultar: <http://www4.unirio.br/cead/territorioetrabalho/edital.pdf>.

Artigo recebido em 30 de maio de 2014. Aprovado em 27 de junho de 2014.